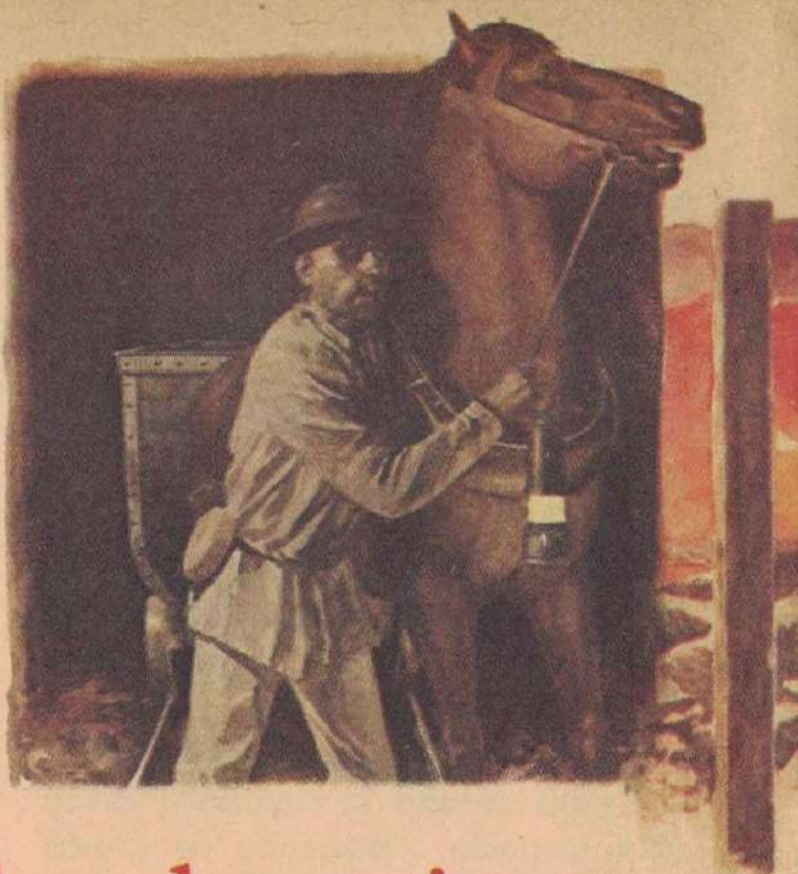


*Foi a maior catástrofe da história da Europa ocorrida dentro de uma mina. Mesmo assim, lá embaixo, um punhado sangrento e corajoso de homens continuava a lutar, para não perecer*

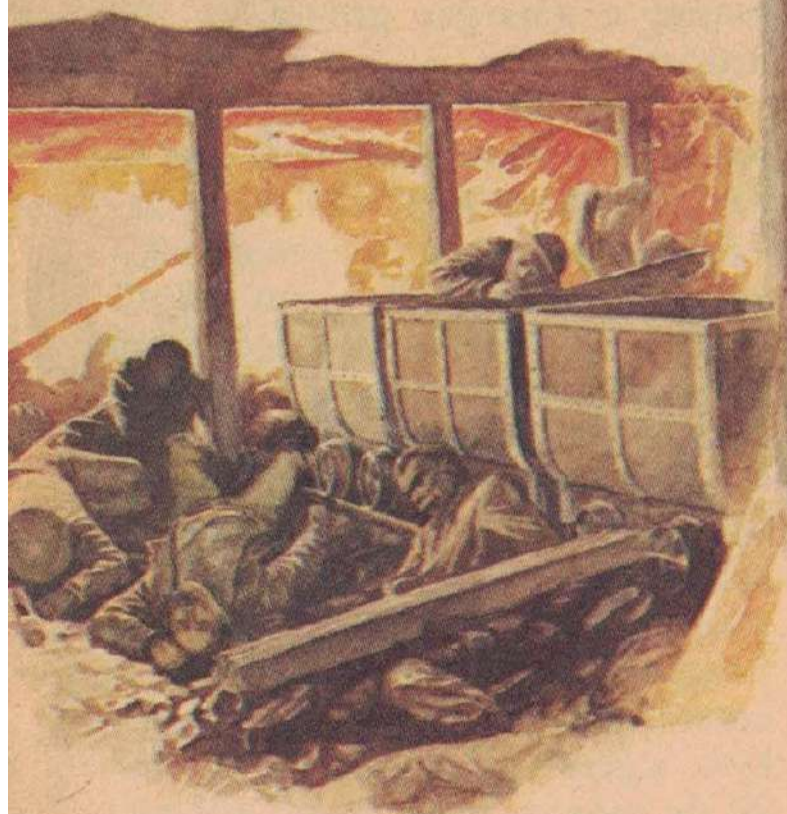


## MORTE no fundo da mina

**M**ANHÃ de sábado, 10 de março de 1906. Ainda estava escuro quando Honoré Couplet, de 19 anos, entrou no elevador apinhado de colegas, na boca do poço n.º 3, localizado nas proximidades de Méricourt, aldeia francesa de minas de carvão. Bastante corpulento, de olhos azuis vivos e cabelo escorrido, Couplet começara a trabalhar no subsolo aos 14 anos. Agora, tinha a seu cargo um dos cavalos de tração da mina. Lá embaixo, foi procurando o caminho ao longo da galeria sem luz, até sentir o cheiro característico de feno e estrume. No estábulo, o fiel companheiro Lécuyer saudou-o com um relincho. Couplet fez-lhe festas no focinho, colocou-lhe os arreios e puxou-o pela escuridão das galerias.

Num dos andares de um filão adjacente, César Danglot, de 27 anos, e mais três mineiros estavam bebendo café com conhaque, antes de iniciarem o escoramento da galeria. Num recanto de outro filão, Henri Nény e nove amigos, cada um deles usando túnica cintada e capacete preto provido de lâmpada a óleo, também se preparavam para dar início ao trabalho. Eram todos peças de um quebra-cabeça humano que logo se comporia tragicamente. Em minutos, seis desses homens (e muito mais de mil outros) estariam mortos.

**Subitamente, o inferno.** A cerca de 300 metros acima dali, uma cortina de chuva cobria as aldeias de Billy-Montigny, Méricourt e Sallaumines. Essa parte da região de Pas-de-Calais pertencia à



MAURICE QUAYNE

Companhia de Minas de Carvão Courrières, uma das maiores da França. Às 6:30 da manhã, 1.644 homens haviam descido para outro dia de trabalho pesado no labirinto de galerias subterrâneas, andares e subandares.

Por volta das 6:40, ouviu-se uma detonação surda na superfície, enquanto nuvens de fumaça espocavam de muitas bocas de poços. Logo depois, apareceram vários mineiros, olhos esbugalhados de pavor, cobertos de pó de carvão e sangue. «Homens estão morrendo lá embaixo», gaguejaram eles, quase sem fôlego. «Cadáveres por todos os lados!»

O que acontecera ultrapassava as raias da imaginação. Tudo começou com uma explosão, como se um vulcão subterrâneo tivesse

entrado em erupção, vomitando línguas de fogo através do labirinto da mina, incendiando filões inteiros. Uma segunda carga colossal derrubou portas e divisórias, destruindo as carroças de madeira de transporte de carvão e tubos metálicos. Centenas de mineiros foram esmagados, asfixiados, queimados vivos. Gases mortais envolveram alguns, que nem puderam sair do lugar, e alcançaram outros que tentavam subir as escadas em busca de salvação.

Enquanto desnorteados sobreviventes lutavam para chegar à superfície, aqueles que ainda podiam caminhar seguiam cambaleantes para suas casas, para narrar o ocorrido às famílias. Em pouco tempo, a notícia se espalhou por toda a área de Courrières. Ao cair

da noite, milhares de pessoas (esposas, filhos, amigos) reuniram-se diante do portão da mina, interdito, esperando e rezando, debaixo do chuvisco persistente.

Durante todo o dia, equipes de socorro tentaram penetrar na mina, mas eram bloqueadas por cavernas que ruíam, ou recuavam, perseguidas pelo grisu venenoso. Quantos teriam sido apanhados na armadilha subterrânea? Contando as lâmpadas que faltavam nos cabides, estudando os livros de pagamento dos trabalhadores, interrogando os chefes de grupo de mineiros, os dirigentes da mina gradualmente descobriram a aterradoramente extensa tragédia: bem mais de mil homens desaparecidos. Era a pior catástrofe, em minas, ocorrida na história da Europa.

Nevava na terça-feira, 13 de março, e assim disfarçou-se a tristeza das tiras de crepe negro amarradas em volta dos lampiões das ruas da aldeia. Nesse dia, as famílias dos mineiros enterraram seus mortos. Misturada com a dor, havia raiva soturna. A Companhia de Minas Courrières era acusada de «negligências» e «avareza»: na manhã seguinte ao acidente, os jornais haviam anunciado que a companhia estava dando a seus acionistas um aumento de dividendos.

Depois de enterrados os mortos, seis mil mineiros se recusaram a descer à mina. Nos campos carboníferos do Norte da França

iniciou-se então uma das mais longas e amargas greves da sua história.

Os trabalhadores das equipes de socorro tiveram finalmente que se dar por vencidos; já não encontravam sobreviventes – apenas cadáveres. Com relutância, no dia 15 de março, os dirigentes decidiram suspender as operações de salvamento, até que se pudesse arejar a mina. A notícia instigou a fúria popular. Talvez houvesse ainda sobreviventes, argumentava-se, e, mesmo que não, os corpos das vítimas tinham de ser recuperados e enterrados condignamente. De súbito, a greve ganhou força. No dia 20 de março, mais de 51 mil homens haviam abandonado suas picaretas e lâmpadas.

O povo de Courrières tinha razão num ponto. Havia ainda sobreviventes nas profundezas da mina. O martírio deles mal começara.

«**Meu cavalo!**» Naquela fatídica manhã de sábado, Honoré Couplet acabara de atrelar Lécuyer a seis vagonetas de madeira carregadas de carvão, quando violenta explosão sacudiu o solo a seus pés. Seguiu-se um silêncio lúgubre. Levantando a lâmpada, o jovem mineiro examinou a escuridão à sua frente. Uma seção inteira do túnel desmoronara, impedindo-lhe a passagem. Abandonou o cavalo, retrocedeu até um poço sem saída, e foi tropeçando pela escada acima procurando atingir o andar seguinte. Lá, precipitou-se em dire-

ção de uma luz que vinha de longe, onde César Danglot e seu grupo trabalhavam.

Ao ouvirem o tremendo ruído, este e seus homens pensaram que se tratasse simplesmente de alguma galeria vazia que tivesse cedido. Mas logo surgiram dois outros mineiros esbaforidos, gritando: «Ouviram o estrondo? Que terá sido?» Então, inesperadamente, apareceu Couplet, e seu aspecto aturdido e descomposto confirmou-lhes as piores suspeitas. Alertaram mais quatro mineiros que se encontravam por perto e dirigiram-se às pressas para o poço de saída. No andar 280, entretanto, começaram a sentir as pernas pesadas; ficaram tontos e com a cabeça latejando de dor. Sem saberem bem o que faziam, largaram as lâmpadas junto à parede e deitaram-se para descansar por uns minutos.

Quanto tempo terão dormido? Provavelmente horas. O primeiro a acordar chamou os outros em pânico, pois uma escuridão total os abafava; as lâmpadas todas tinham-se apagado. Três homens não responderam; a fumaça envenenada do grisu extinguiu-lhes a vida.

Os oito sobreviventes deram, então, início à caminhada cega por cima de pedaços de madeira, ferramentas, pedras e cadáveres. Charles Pruvost, homenzarrão de 45 anos, tomou a liderança, já que seu trabalho como encarregado de reparações gerais o familiarizara

com o complexo traçado da mina. De vez em quando, os homens batiam com as picaretas nos tubos de ar comprimido instalados no teto, sabendo que ali o som podia repercutir a boa distância. Ninguém respondia.

Não tardou perderem inteiramente a noção do tempo. Há muito já tinham comido a refeição que levavam consigo e bebido a última gota de seus cantis. A fome e a sede estavam-se tornando insuportáveis; já não raciocinavam bem.

Durante dias, ao que lhes parecia, arrastaram-se como vermes pelas galerias silenciosas. Então, subitamente, ouviram algo pesado que se movia diante deles na escuridão. Prenderam a respiração. Novamente um rumor, depois um fraco relincho. «Lécuyer!» exclamou Couplet. A caminhada errante os trouxera de volta ao lugar onde ficara o animal. O jovem cumprimentou o amigo com palmadinhas de afago. Mas à mente de seus companheiros famintos só ocorreu um pensamento. Instintivamente, Couplet o adivinhou. «Não!» berrou. «Não permitirei que matem meu cavalo!»

Era impossível fazê-los desistir da idéia. Guiando-se com as mãos, aproximaram-se de Lécuyer e encurralaram-no contra a parede, atrás de duas vagonetas de carvão. Só havia um jeito de matar o animal: com as picaretas. Praguejando e ofegante, Danglot pôs-se a golpear o cavalo, que nem en-

xergar conseguia. A cada golpe, Couplet soluçava. Por fim, Lécuyer estertorou num último espasmo e o ato estava consumado.

Danglot retirou o canivete do bolso, cortou pedaços de carne ainda viva das ancas do animal, passando-os aos companheiros. Os homens engoliram-nos sufocadamente, e Couplet, com os olhos cheios de lágrimas, forçou-se também a comer. Depois, todos se atiraram exaustos ao chão e dormiram.

Ao despertarem outra vez para o pesadelo daquela prisão de trevas, trataram de enfiar pedaços de carne de cavalo nos cintos e reiniciaram a marcha cega, desorientada e interminável. Um dia, veio resposta às batidas nos canos de ar. Gritaram e ouviram de volta outras vozes; a esperança de salvação os animou. No entanto, as duas figuras que finalmente se aproximaram também eram de mineiros perdidos: Henri Nény e Martin, o garoto que o ajudava no trabalho do poço. A primeira pergunta que fizeram foi: «Vocês não têm fósforos?» A escuridão dizia tudo.

**Uma réstia de luz.** Desconhecendo a luta que se travava lá embaixo, os sindicatos e a companhia discutiam sobre a causa do desastre. Verificara-se que, havia dias, se mantinha aceso um fogo num dos filões murados, mas isso não seria suficiente para provocar a explosão. Provavelmente a combustão acidental de explosivos colocados num dos filões a serem es-

cavados teria entrado em contato, nas galerias, com nuvens de pó de carvão, altamente inflamável, transformando toda a mina numa bomba.

Trabalhadores com ar feroz marcharam através das cidades mineiras, exigindo mais segurança, melhores condições de trabalho, salários maiores. Entraram em conflito com grupos de mineiros não grevistas, que continuavam a ir diariamente para o trabalho sob a proteção da polícia. Para acabar com os atritos, intervieram tropas, e a polícia montada ficou de patrulha nas ruas. Sentia-se o sopro quente de uma guerra civil no país do carvão.

NO INTERIOR da mina, arrastando-se pelo chão, arrancando a pele das mãos e dos pés, os dez homens percorriam os túneis fétidos. Quando a sede se tornou intolerável, beberam a própria urina; assim que a carne crua do cavalo terminou, devoraram lascas de madeira.

Um dia, ouviram de novo pancadas nos tubos de ar e vozes: mais três mineiros perdidos. Na escuridão, cada homem se identificou. «Charles Pruvost», disse o encarregado de reparos. «Papail!» respondeu uma voz jovem. Era seu filho Anselme, outro garoto ajudante de mineiro. Pai e filho tatearam um para o outro, caíram de joelhos e abraçaram-se soluçando, por um momento esquecida a própria miséria.

Mais uma vez, retomaram a penosa expedição — homens exaustos, famintos, que agora se moviam como sonâmbulos. Alguns estavam a ponto de simplesmente se estenderem no chão esperando a morte. Um dia, acidentalmente, um deles tropeçou num objeto de metal. Era um carro de carvão. De imediato, renasceu a esperança. Uma vez que, no setor de Méricourt, só havia carros de madeira, aquilo significava que tinham chegado a Billy-Montigny e que, portanto, havia a possibilidade de alguma saída. Resolveram descansar um pouco e, em seguida, continuaram a andar com novo ânimo.

Cerca de 700 metros, adiante, todos de repente pararam. Ao longe, uma réstia de luz penetrava na escuridão. Exaustos demais para gritar, os homens, sem poderem crer no que viam, olhavam fixamente para o pálido reflexo. Em algum lugar, por ali acima, deveria haver uma ligação com o mundo exterior.

**Lençóis brancos e limpos.** Às 7:30 da manhã de sexta-feira, 30 de março, o guarda do estábulo do poço n.º 2 estava varrendo a passagem do nível 306. Nem prestou atenção à porta fixada com pregos e fechada a cadeado no fundo da galeria. Atrás dela, bem sabia ele, ficava uma zona tenebrosa de podridão e morte. De repente, sentiu-se gelado: atrás da porta interdita, alguém estava batendo. De um momento para outro, ela cedeu sob violenta pancada e um

bando de homens dali irrompeu. Vinham negrões de sujeira e de pó de carvão; tinham as roupas em farrapos; seus rostos estavam encovados e empastados de sangue. Minutos mais tarde, o capataz do poço correu com precipitação, acompanhado de um destacamento de mineiros. Por eles, os sobreviventes, perplexos, souberam que tinham ficado perdidos na mina 20 dias e 20 noites!

Com infinito cuidado, os treze homens foram levados para a enfermaria. E enquanto gozavam os primeiros momentos de luz do dia, os lençóis brancos e limpos, o banho quente, a delícia de uma refeição, já circulava pelo país a notícia alvissareira. Jornalistas atropelavam-se para entrevistá-los, e Louis Barthou, ministro das Obras Públicas, foi pessoalmente cumprimentá-los.

No entanto, o conhecimento de que 13 sobreviventes somente agora tinham conseguido escapar da mina reforçou a motivação da greve, dando-lhe novo caráter de violência. Tumultos e explosões de bombas obrigaram o governo a enviar mais tropas. Só em fins de abril, graças à intervenção de Georges Clémenceau, ministro do Interior, é que as negociações entre a companhia e os sindicatos tiveram início. No dia 4 de maio, a paz voltou a reinar na região.

Atualmente, apenas Honoré Couplet está vivo para recordar aqueles terríveis 20 dias no subsolo. Com 90 anos, ele ainda sente

uma ponta de tristeza, quando relembra a carnificina praticada na escuridão contra seu fiel cavalo.

A catástrofe a que ele e seus companheiros tão milagrosamente sobreviveram trouxe muitas mudanças. Meses depois, criou-se, em Liévin, um grupo de trabalho para estudar a segurança das minas. Suas primeiras recomendações logo se implantaram: proibiu-se o uso de lâmpadas de chama viva, construíram-se poços adicionais de aeração e instalaram-se ventiladores mais potentes. Novos métodos

foram adotados, visando a humedecer o pó de carvão e torná-lo não inflamável.

O preço que Courrières pagou por esse progresso foi alto: 1.099 mineiros pereceram em holocausto no subsolo; 272 dos corpos não puderam ser identificados e um número desconhecido deles jamais se encontrou. Os homens, porém, não estão esquecidos. Na aldeia de Méricourt, uma estátua é-lhes testemunha silenciosa. Todos a consideram o monumento ao Mineiro Desconhecido.



EM HAMBURGO, na Alemanha, foi inaugurado um *playground* que é o único em seu gênero no mundo inteiro. Todas as instalações para recreio (que são 34, ao todo, espalhadas por uma área de quase dois mil metros quadrados) são para uso exclusivo de crianças cegas e deficientes visuais. Tabuletas de concreto e de outros materiais de pavimentação indicam as direções. Assim orientados para encontrarem o caminho, os jovens cegos podem deslizar em rampas, correr, subir, pendurar-se, pular, rastejar e atirar bolas contra um muro. O *playground* pertence à Escola de Hamburgo para Cegos e Deficientes Visuais, que possui, anexos, uma escola secundária, uma escola comercial e um jardim-de-infância diurno.

— Frauentienst, Alemanha

### *Você já reparou...*

...que ninguém respinga molho numa gravata de que não gosta?

— D. W.

...que as únicas cartas que chegam a tempo são aquelas que começam com «Infelizmente...»?

— G. F.

...que os personagens das novelas de televisão nunca assistem a novelas?

— R. R.

...que, quando alguém diz «Tudo por causa do dinheiro», geralmente, é ao nosso dinheiro que se está referindo?

— A. B.